

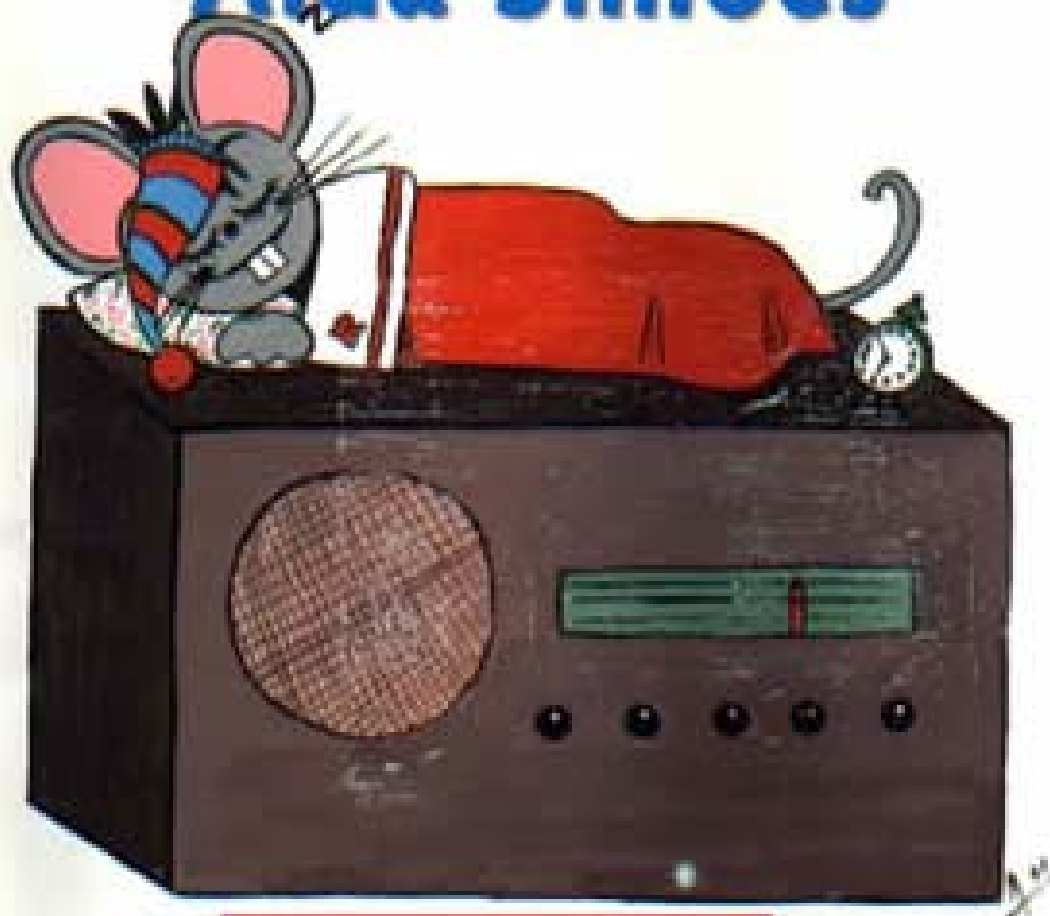
O RATO ROGÉRIO

texto

Geraldo Peres Generoso

desenhos

Aída Simões



**Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks.**

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:

Fazemos o possível para certificarmos-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.virtualbooks.com.br/

Copyright© 2000/2003 Virtualbooks

Virtual Books Online M&M Editores Ltda.

Rua Benedito Valadares, 429 – centro

35660-000 Pará de Minas - MG

Todos os direitos reservados. All rights reserved.

O RATO ROGÉRIO

Nasci numa oficina de consertos de aparelhos de rádio e televisão. Era um lugar muito agradável, bem ao gosto de um rato, como este que ora lhe escreve. Sempre gostei de aventuras e perigos. Eu e meus irmãos brincávamos muito de esconder dentro dos velhos e empoeirados rádios. Eram muitos os aparelhos que seu Rafael deixava esparramados pelo salão.

Nossa hora de folgedos ia das 7 horas da manhã até quase 9 horas. Depois parávamos e cada um ia para o seu lado porque seu Rafael chegava.

Sempre aquela mesma vidinha : o ruído na chave; o rapaz entrava esfregando os olhos ainda úmidos de sono, e a gente dando no pé para não ser apanhado.

Junto àquele local de trabalho onde nos acampamos morava um homem sozinho, o seu Nelson. Era lá, à meia parede da oficina que fazíamos nossas refeições.

Como não ficava ninguém na casa, aquele lar passou a ficar por nossa conta. Ali a gente dispunha de arroz, feijão, às vezes até mesmo de um apetitoso queijo. De vez em quando um toucinho defumado nos insultava no fumeiro do fogão à lenha. Como ratos, não queríamos outra vida.

À medida que fui crescendo, comecei a entender melhor o mundo e as suas coisas. O dono da oficina passou a desconfiar que não estava só em seu estabelecimento, pelo qual pagava religiosamente o alugue. Por mais que evitássemos deixar pistas, sempre ficava algum sinal de nossa presença. Sem falar em quando provocávamos algum ruído : o rapaz ficava de orelha em pé.

Para complicar ainda mais a nossa situação, o técnico de quem éramos ignorados inquilinos, passou a receber muitos rádios e televisores para consertar. Como resultado desse aumento de serviços, o rapaz passou, também, a trabalhar à noite. Eu até me preocupava com a saúde dele, visto que era um moço franzino, de corpo miúdo e baixa estatura.

Foi por isso que, daí por diante, me obriguei a permanecer mais tempo em casa de seu Nelson, não só para jantar, que já era de costume.

Certa noite, juntamente com meus irmãos, desfrutamos de uma farta ceia em homenagem ao primo Tibúrcio, que viera da roça. Mas senti algo estranho no ar. Conversamos até altas horas da madrugada. Após a digestão, esfregando os olhos de sono, saí da cozinha do seu Nelson e despedi-me de todos, resolvido a ir para o leito.

Minha cama ficava debaixo do balcão onde seu Rafael trabalhava. Nem percebi que o dono da oficina estava sentado, estudando como consertar um televisor.

Mas o pior de tudo não foi o fato de eu tê-lo visto. O que me preocupou foi ele me ver e, certamente, não ter gostado nem um pouco dessa idéia. Assim que o avistei, desapareci pela primeira fenda do assoalho.

Seu Rafael era muito jovem para a idade de um homem. Talvez contasse uns 25 anos, mas tinha lá as suas preocupações.

Pensei: talvez ele nem tenha dado importância a um ratinho inofensivo. Assim pensei porque ele não disse absolutamente nada. Pareceu-me muito ocupado em consertar aquele velho aparelho que desmontara.

Com seu Nelson era diferente: ele xingava, blasfemava, me perseguia com uma vassoura, usando o cabo como arma contra a minha inofensiva pessoa. Fazia mil ameaças. Uma vez disse até que ia trazer um gato para devorar-me e a meus irmãos. Mas ficou só em conversa. Ainda bem!

Na noite seguinte, senti um cheiro que recendia de dentro da oficina. Era de juntar água na boca. Fui conferir: - um desaforado pedaço de queijo parmesão!

Pensei com meus botões: - isto parece uma brincadeira ! é muita bondade do seu Rafael ! Esse jovem deve ser algum ecologista. Mas mesmo que ele seja um amante da ecologia - pensei depois - não iria se preocupar conosco, que somos ratos. Fala-se muito nos ratos almiscarados, mas aí é outra história. Estes nossos parentes nobres vivem em países ricos e, somado a isto, devem ter descoberto para eles alguma serventia. Na cabeça dos homens, para quê serve um rato? Também não posso afirmar que tenhamos alguma função na natureza, mas um dia, mais cedo ou mais tarde, isso será revelado.

Meu avô Pedrão sempre falava sobre ratoeiras. Eu, particularmente, nunca havia visto uma. Vovô me instruiu muito bem a respeito desse assunto mortal para um rato. Além disso, é humilhante para um roedor morrer preso nessa geringonça, com os olhos esbugalhados.

Vovô Pedro dizia tratar-se de uma armadilha, dotada de uma mola, onde era colocado um pedaço de queijo ou toucinho preso numa haste. Quando o infeliz do rato dava um bocado, descia um arame grosso, de aço. A pancada era fatal. Jamais pensei que isto fosse acontecer comigo.

Mas era exatamente o que eu tinha diante dos olhos. Uma ratoeira armada com um delicioso pedaço de queijo espetado. Seu Rafael teve a pachorra maliciosa de sapear o queijo no soldador elétrico para aguçar-me a tentação de ir comê-lo.

Lembrando-me dos conselhos de meu finado avô Pedrão, que fora um mestre, parei por um instante. Fiquei pensando em como resolver aquele dilema. Sentia vontade de comer. Muita vontade mesmo! Contudo, seria abrir a boca e morrer. Eu queria comer, mas não queria morrer.

Pensei muito. O suficiente para encontrar uma solução. E de pronto pus mãos à obra.



I - USANDO A CABEÇA

Segundo a lição de Vovô Pedrão, depois que a mola disparava não havia mais nenhum perigo. Ele usava jogar uma espiga de milho ou um sabugo sobre a ratoeira. Depois de desarmá-la, saboreava o petisco entre gostosas gargalhadas com Vovó Ratinéia.

Fui até o canto da oficina e peguei uma chave de fenda com a boca.

Plaft! Sob o impacto da ferramenta a danada da ratoeira desarmou. Avancei sobre o queijo

parmesão, bem curtido que o seu Rafael teve a gentileza de tostar em seu soldador. Não me contive, e seguindo o exemplo de Vovô Pedrão, me desmanchei em gargalhadas e, com as patas dianteiras dei muitas "bananas" para o seu Rafael.

No outro dia, o técnico chegou todo eufórico, esfregando as mãos, prevendo o pior para este rato escriba e o melhor para ele. Ao conferir, dando com a ratoeira vazia, não se conteve:

- Mas cadê a isca? Esse malandro comeu o queijo e não morreu! Ainda por cima tirou minhas ferramentas do lugar!

A minha vida começou a se complicar naquela casa prestadora de serviços. Não mais dispunha de minha privacidade. Numa noite, seu Rafael vinha trabalhar. Quando ele saía para a rua ou ia para outra cidade era um sossego. Porém, ele arrumou um sócio, um vizinho chamado Walter, que consertava geladeiras. O homem não saía de lá. Sempre dando uma de oferecido, a armar ratoeiras e eu a desarmá-las. Essa labuta já estava me cansando...

Mas tudo isto ainda não era nada. O pior estava por vir. Walter teve a ousadia de sugerir ao seu Rafael para se colocar veneno em toda a oficina a fim de "acabar com essa rataiada".

- Ah, seu Walter, de jeito nenhum isto vale a pena. O veneno vai matar sim, mas eles vão morrer aí pelo forro e ninguém vai agüentar o mau cheiro. O melhor mesmo acho que é a ratoeira.

- Seu Rafael falou pela boca de um anjo. Tive vontade de abraçá-lo. Mas Walter não se deu por achado:

- Não, Rafael. Esse tipo de veneno mata sem deixar odor. O rato morre envenenado, seca e dele só resta pó.

- "Cruz Credo! Pé de Pato, Ave Maria!"! Tive vontade de dizer para aquele intruso que quem mandava ali era o seu Rafael. Ele que fosse dar palpite na casa dele! Confesso que fiquei revoltado!

Tomei uma decisão:- vou-me embora desta espelunca! Porém, como sair dali? Se sair pela rua, antes do primeiro quarteirão serei agarrado pelo gato Mimoso, do seu Pinheiro, que não perderia a chance de me atacar, já que pela tradição somos item de cardápio desses vaidosos felídeos.



II - PLANO DE FUGA

Pensando e repensando, concluí que a solução que me restava era pegar carona na caixa de um aparelho de rádio ou televisão. Para isso passei a ouvir o diálogo dos fregueses com o dono da oficina. Ficava de antenas ligadas para saber onde a pessoa morava. Não queria dar um passo errado. Já que haveria de mudar-me, que então me mudasse para um lugar melhor.

Mas não há opções sem perigo. Mais ou menos como ocorre, segundo soube depois,

com a vida dos homens na face da terra. Em todos os bairros havia muitos gatos. Eu continuaria exposto a riscos iguais ou maiores, junto com os meus familiares. Meu sonho dourado era o de ir para um sítio ou fazenda. Comer milho na roça. Arrancar arroz do cacho e ganhar a vida com o suor do meu rosto. Revirar uma tulha cheia de amendoim, feijão e outros cereais, assim me dando ao luxo de variar o cardápio. Não agüentava mais aquela comida acebolada do seu Nelson, ainda por cima renegada até o último bocado.

Certo dia apareceu na oficina uma senhora gorda, transparecendo muita simpatia. Pela conversa, entendi que ela morava num sítio. Trouxe um televisor para o seu Rafael consertar. Marquei bem qual era o aparelho para, no ato da entrega, servir-me de condução ao meu novo e ignorado destino: um sítio agradável para viver em paz. Assim eu calculava.

A minha pressa para que seu Rafael consertasse o televisor era talvez maior que a dele e da própria freguesa. Até que enfim foi para o teste e a tela parecia um cinema. Esse Rafael era bom mesmo em seu ofício !

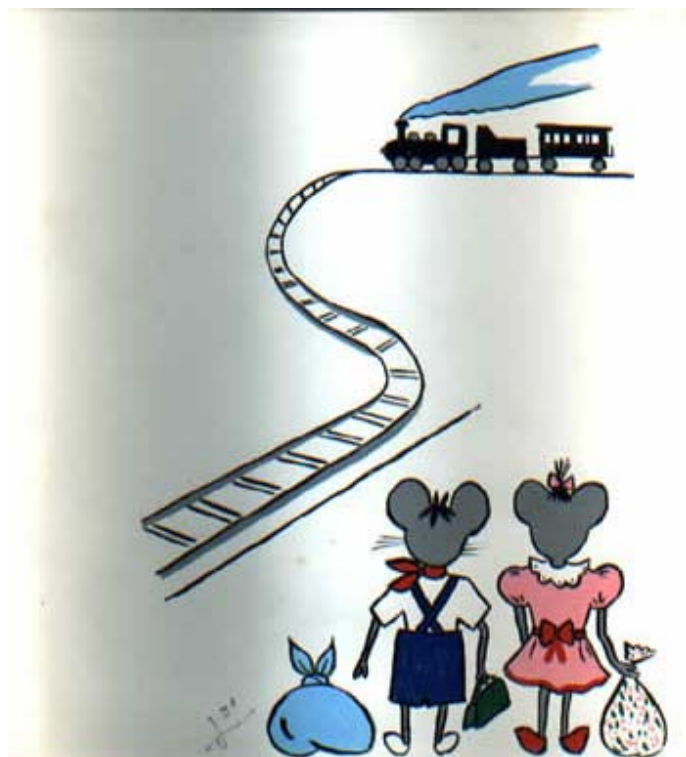
Mais que depressa me ajeitei por entre transistores e outras partes que não conheço. Lá permaneci quietinho, à espera da decolagem. Seu Walter é quem fazia as entregas e já estava incumbido de levar imagem e som à casa daquela senhora gorda.

De fato, eu ansiava por outra vida. Rafael sempre me ameaçando, a me pôr armadilhas a cada passo. Seu Walter só falava em veneno, tramando o meu extermínio e o de toda a minha família. Por falar em família, meu intento era arrumar um jeito de vir buscá-los. De alguma forma haveria de dar certo o êxodo dos meus rumo a uma terra melhor e mais farta.

Parti sem me despedir de ninguém...a bordo de um televisor sobre uma charrete tocada por um senhor alto e magro, que pelo que ouvi se chamava Dominginho. Logo cruzamos uma porteira e já estávamos no sítio.

Roça de milho, paiol abarrotado, tulha cheia! Um gato só, pelo que vi. Este não seria suficiente para garantir a segurança de todo aquele patrimônio que enchia os olhos de qualquer rato que se preza.

O bichano, como vi depois, era tratado a pão-de-ló. Pouco se lhe dava que os ratos fizessem a festa. Dormia o dia todo num velho sofá da varanda.



III - FAZENDO AMIGOS

Encontrei os de minha espécie e contei-lhes a vida dura da cidade. Eles ouviam com atenção. Também me contaram muitas histórias. Entre eles havia um rato sábio, de nome Policarpo, que me ensinou muito sobre a vida de um roedor, os problemas e os meios de enfrentá-los. Pois na vida de qualquer criatura o que não faltam são problemas, mas igualmente não o que não faltam são soluções.

Às vezes me batia uma

estranha saudade da velha oficina. Não há coisa mais mentirosa do que as lembranças de nosso passado. Por pior que nos tenha sido, só guardamos no coração os momentos que nos pareceram os melhores. Esquecemos uma vida quase inteira de sofrimentos. Este rato não foi exceção ao evocar uma saudade indevida..

No sítio encontrei uma grande paz. Milho à vontade, água pura do riacho, muito divertimento e sempre comendo do bom e do melhor. A razão de sentir saudade talvez fosse a falta dos meus irmãos e amigos que continuaram na cidade.

Em compensação eu respirava o ar puro dos campos e me deliciava com a música dos pássaros .Extasiava-me com a beleza das flores. Meu maior e mais feliz momento foi quando conheci o rato Policarpo.

Ele morava no que um rato pode chamar de palácio. Sua casa ficava no topo de uma árvore ao abrigo das chuvas e dos ventos. Havia adquirido a casa por, mais ou menos, um quilo de arroz. Arroz este que foi armazenando aos poucos em cada colheita do sítio. Ele fez negócio com um João de barro que já havia construído uma outra casa em outra árvore. O pássaro se dispôs a vender aquela casa da paineira que ficava na curva da estrada.

Mas Policarpo merecia. Era nosso chefe, nosso mestre e entendia de tudo. Quando nos defrontávamos com algum problema difícil ele nos orientava e sempre chegávamos a um acordo.

Policarpo morou muito tempo na biblioteca do proprietário do sítio, e leu sobre quase tudo. Era um rato tipo quijara, de pêlos grisalhos e bigodes compridos. Os olhos brilhantes denotavam grande vivacidade. Ele conhecia a cidade. Já havia participado de assembleias muitas e muitas vezes. Conhecia o governador. Até mesmo o rei dos ratos, conversando com eles de igual para igual.

Na realidade, Policarpo era um sábio e, como todo sábio, ele era muito humilde... No dia em que cheguei ao Sítio São Rafael ele me animou bastante. Conversou comigo sobre vários assuntos e me estimulou na nova vida. Sempre enfatizando o valor da honestidade e da decência. Lembro bem do que ele me disse:

- Rogério, neste mundo em que todos querem levar vantagem em tudo, aquele que é honesto é o que leva todas as vantagens.

- Mas, Professor Policarpo, como posso ser honesto se os de nossa espécie são sinônimos da palavra ladrão?

- Já compreendi que você não entendeu o sentido das minhas palavras. Ser honesto é ser leal consigo mesmo e ter uma grande consideração pelo seu semelhante. Se vir em apuro um amigo você deve arriscar a sua própria vida por ele.



IV - VISITA INESPERADA

A vida de um rato também tem as suas surpresas. Eu vivia completamente tranqüilo no sítio do seu Geraldo Machado. Ainda mais, sabendo, como eu sabia, que ele era um ecologista. Ele entendia e até tolerava a existência dos ratos neste mundo.

Aquela paisagem me parecia um conto de fadas.

Numa tarde, sol a pino, eis quem aparece no sítio: o Rafael. Trouxera um vídeo cassete para

ser instalado em casa de seu Geraldo Machado .

Como bom anfitrião, o proprietário mostrou o sítio para o seu Rafael e até fez com que ele esperasse para o almoço.

Meu coração ficou aos pulos ao ver meu antigo e involuntário senhorio. Aquele rosto familiar ligava-me à lembrança dos tempos da oficina e, como acontece quase sempre, toda lembrança se transforma em saudade, mesmo que a gente não queira.

Ele estava com um carro cinza-metálico reluzente. De cima do forro da cozinha, onde me instalara, ouvia toda a conversa e via tudo o que se passava.

- É, seu Machado, a minha oficina não tem mais jeito.

- Por que, Rafael?

- Meu estabelecimento está infestado de ratos. Estou em ponto de perder o juízo. O Nelson, meu vizinho, fez uma aplicação de veneno na casa dele e os danados passaram todos para a minha oficina.

"Isto é uma chacina" - tive vontade de gritar alto e bom som. Seu Rafael deveria estar exagerando. Afinal, se havia tantos ratos, com certeza não eram só os de minha família. "Como estarão meus pais e meus irmãos? Será que alguém deles morreu com o veneno ou a ratoeira do seu Nelson? Volto hoje mesmo para lá"! - pensei comigo.

Imediatamente coloquei os miolos para funcionar. Fui procurar por Mestre Policarpo. Encontrei-o às margens da mina d'água conversando com o Sapo Jorjão.

- Jorjão, me dá licença. Preciso falar com o meu mestre

- Está bem, Rogério - falou Policarpo. Por que está tão cansado?

- Policarpo, vou voltar para a cidade!

- Se está tão decidido assim deve ser por alguma razão muito forte.

- Fortíssima, Mestre Policarpo! Minha família está em apuros e corre sérios riscos. Está ameaçada de morte. Aliás, algum ou alguns dos meus pode ser que já tenham sido covardemente eliminados. Eu vou voltar para aquela oficina de que lhe falei.

- E como sabe da sorte de seus irmãos?

- O seu Rafael...!Eu ouvi tudo. Ele está aí na casa do Seu Machado, contando a história dos ratos. Ele quer acabar com a nossa raça !

Embora de cenho franzido, Policarpo, como era de seu feitio, falou com a segurança dos que sabem:

- Ninguém acaba com a nossa raça, Rogério. Desde o começo do mundo o homem tem tentado e jamais conseguiu nos levar à extinção. É mais fácil eles próprios se extinguirem entre eles mesmos.

- Mestre, mas minha gente está em apuros.- respondi, olhando para ele e Jorjão.

- Então, volte para a Oficina - falou Policarpo num tom de voz firme mas serena.

Jorjão, meu amigo sapo, apenas sorriu.

- Vou entrar agora mesmo no carro do seu Rafael. Escondo-me sob o banco traseiro e ele nem vai perceber. Adeus, Mestre Policarpo. Adeus Jorjão! Até um dia.

- Adeus, Rogério. Mas veja lá o que você faz. Procure agir com calma, pois a pressa é a pior conselheira.

V - DE VOLTA AO LAR MATERNO

Cumpri minha decisão. Enquanto seu Geraldo dizia que a proliferação de nossa espécie , resultava do desleixo dos moradores que não cuidam da higiene - e por pouco não o retruquei. Entrei no veículo do Seu Rafael e, com o coração aos pulos, acomodei-me sob o banco de trás, como oculto carona.

A viagem de regresso foi rápida. Percebi que chegamos porque ao parar o carro, seu Rafael chamou pelo empregado Damião. Numa fração de segundos, antes mesmo que seu Rafael apeasse do carro eu já estava acomodado no meu ninho antigo.

Foram gritos de alegria. Muitos abraços e lágrimas de emoção pela minha volta. Minha mãe não acreditava estar me vendo ali, em carne e osso. Meu pai não escondia a curiosidade em saber como eu estava e o que havia feito em minha nova moradia.

Meus irmãos, em número de nove, formaram uma roda,da qual eu era o centro. Mamãe, cingindo-me com ambas as mãos, parecia apalpar-me, quase descrente de me estar vendo de volta, são e salvo.

O que aconteceu com os meus parentes foi o seguinte: com a demolição de um prédio vizinho, o rato Ernesto, de prole numerosa, pediu a papai se poderia ficar morando na oficina, com nossa família, por algum tempo, até arrumar um outro lugar para viver.

Isto confirmava o relato de Seu Rafael para o Senhor Machado: havia mesmo aumentado o número de roedores na oficina.

Avisei-os das intenções de seu Rafael:

- Ratos, a coisa está feia ! O Seu Rafael pensa em matar a todos nós. Pois ele está com uma idéia fixa. Não fala em outra coisa a não ser no aumento do número de ratos aqui na oficina. Por nosso lado, nem é preciso dizer que a nossa segurança está ameaçada dia e noite. Poderíamos ir para o sítio. Mas, como fazer isso? Daqui lá é uma caminhada muito longa para nós, como ratos pedestres.

Mamãe Eufrásia ficou pensativa. Eurico, meu pai, não dizia palavra. Como eu faria? um simples rato levar duas famílias para uma terra desconhecida! Os perigos? Muitos gatos e muitos homens pelo caminho.

Meditei bastante naquela noite. Até que me veio um palpite.

Por sobre a casa do sapo Jorjão, na ponte, passava a linha férrea, com o trem indo e vindo para a cidade. Ele apitava ali, religiosamente às sete da manhã. Mas havia um problema a resolver: o trem não parava no sítio...

Pensei durante uns bons minutos e achei possível expor os meus planos aos meus pais:

- Olhe aqui, pai. Há uma solução. Vamos todos para o sítio São Rafael.

- E vamos de quê, Rogério?- indagou papai, suspendendo as sobancelhas grisalhas.

- De trem, oras - respondi de pronto.

- Rogério - respondeu papai desanimado - trem é veículo feito pelos homens para transportar homens. Nós somos ratos...

- Não me esqueci disso, papai. Mas nós não temos direito ao progresso? - indaguei com insistência.

- Ah, isso é o que você pensa, meu filho. Quando sairmos para pegar o trem, os gatos da estação ferroviária nos atacam a todos com suas garras. Homens e gatos de há muito se aliaram nesta guerra sem tréguas contra nós, os roedores.

- Claro, papai, não somos adutores de homens como os gatos e os cães, mas preste atenção. Eu pensei assim: o trem passa mais ou menos às seis e meia. A gente sai daqui às quatro horas da manhã. Vamos todos para a estação e se algum gato aparecer pelo caminho gente vai ter de enfrentar! Guerra é guerra! Não temos outra escolha. Seu Rafael e seu Walter não estão para brincar, e aqui mora o perigo a cada minuto - argumentei.

- Nós, ao todo, somos em 25 pessoas. Digo, 25 ratos - disse meu pai.

- Não será o bastante para impor respeito a alguns gatos pingados?

Mamãe atalhou preocupada:

- Meu filho, admiro a sua coragem e me sinto orgulhosa de você, Rogério. Mas esta aventura é muito perigosa. Talvez não encontremos nenhum gato pelo caminho. Ou se encontrá-los, é até possível que os enfrentemos. Mas...e os guardas (homens) que vigiam as ruas e casas? Eles andam armados até os dentes e nos matariam na primeira investida.

- Eles não ganham para matar ratos, mamãe. Seria humilhante para eles. Além disso, a gente pode subir pelas árvores, postes, telhados, onde eles não nos alcançam. O preço da vitória é sempre o resultado de um risco. Nós precisamos correr este risco, porque, aqui parados, nosso risco é muito mais sério.

Papai Eurico procurou saber melhor dos meus planos. Disse-me:

- Filho, como faríamos para entrar nesse trem de ferro ?

- Entramos pelo último vagão - fui detalhando os passos. Justamente pelo vagão restaurante. Será uma delícia, papai. Tomaremos lá mesmo o nosso café da manhã.

- E trem tem isso? Quem lhe contou? - perguntou.

- Oras, o mestre Policarpo morou num trem quando jovem e viajou muito tempo no vagão restaurante - expliquei.

- Filho, perdido por perdido, tanto faz como tanto fez. Vamos colocar o seu plano em ação e vamos embora deste lugar - disse meu pai com decisão.



VI – CONCLUSÃO

Tudo saiu conforme planejado. O trem chegou no horário de costume e todos nós, ratos de ambas as famílias, entramos para o vagão restaurante. Foi uma comilança sem igual. Enquanto o funcionário dormia a sono solto abraçado a um guardanapo sobre os ombros, nós saboreamos pão, presunto, manteiga, maionese, e até um queijo mineiro que nos abriu ainda mais o apetite.

Ao chegar perto da paineira, em que o trem já ia fazer a curva para o pontilhão do Ribeirão Coqueiral, gritei:

- Pulem!

Pulamos todos no rio. A água gelada nos deixou eletrizados. Era uma aventura aquele batismo para a liberdade.

Jorjão nos olhou com espanto, mas logo me reconheceu.

Contei-lhe tudo, tim-tim por tim-tim. Ele ria de espumar a boca e nos acolheu em sua casa

Dali tomamos o rumo para a sede do sítio e ali encontramos uma nova vida, com muita paz e fartura.

O Sr. Geraldo Machado, dono da propriedade, homem dado a livros, nem se lembra que nós existimos. Reencontrei Policarpo e este me fez ciente apenas de uma única restrição para cada rato que passaria a conviver naquele lugar:

- Amigos! Atenção !

Vocês podem usufruir de tudo que há aqui e comer até estanho derretido, mas jamais danifiquem sequer uma página de um livro do Seu Geraldo Machado. Os livros são tesouros para serem devorados apenas com os olhos, mas jamais podem ser destruídos. Com eles aprendemos sempre novos caminhos e encontramos a vida, mesmo quando ela já passou, na história dos homens, dos ratos e de todas as coisas.

FIM

Sobre o autor



GERALDO PERES GENEROSO, nascido em Timburi-SP, 53, é professor aposentado, e considera-se um autodidata em literatura. Ex-presidente da Câmara Municipal de Ipaussu-SP, foi diretor do jornal SCN (Santa Cruz Notícias) de Santa Cruz do Rio Pardo-SP; letrista vencedor no IV Festival de Música Popular de Tupã –SP (com a música Sim & Não). Escreve regularmente para o Jornal da Divisa – diário I que cobre toda a região de Ourinhos, no Estado de São Paulo, abrangendo também o Norte do Paraná. Para corresponder com Geraldo Peres Generoso, escreva: **gatulio@ig.com.br**

Sobre a ilustradora



AÍDA SIMÕES é advogada, natural da cidade de IPAUSSU, SP, mas desde 1985 só se dedica à pintura. Seu gênero preferido é o figurativo e seus trabalhos primam pela estética sutil, sem exageros ou surrealismos de qualquer espécie. É uma pintora de cores diretas, simples e de traço bem definido. É autodidata, ainda que, mercê de suas leituras e sua familiaridade com a palheta conheça na prática e está apta a ministrar aulas de pintura - o que ora faz na cidade paulista de Piraju, onde reside. Nesta oportunidade segue um auto - retrato da mesma, em e-mail separado, em duas tomadas. Seus temas prediletos são a pintura de cavalos, bem como impõe suas tintas em reprodução de fotos, contando com muitos trabalhos dessa natureza. AÍDA SIMÕES, na região do Vale do Parapanema é um referencial artístico, ainda que não se preocupe nem um pouco em "pintar fora da tela", como ela mesma assim confessa.